



## RESENHA

## A PRODUÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA CONTEMPORÂNEA

Cintia Medeiros Robles Aguiar<sup>1</sup> <http://orcid.org/0000-00029177-9122>

Loren Katiuscia Paiva da Silva<sup>2</sup>

Data de submissão 22/07/2019

Data de aprovação 02/12/2019

**Referência da obra:**

ALVES, Gilberto Luiz. **A produção da escola pública contemporânea**. 4ª ed., - Campo Grande, MS: Ed. UFMS; Campinas, SP: Autores Associados, 2015

Resultante dos estudos de pós-doutorado de Gilberto Luiz Alves<sup>3</sup>, a obra em questão busca aprofundar a análise do processo de produção material da escola pública, universal, laica, obrigatória e gratuita, adotando dois grandes períodos, de sua gênese até o século XIX e da metade do século XIX até o século XX, que formam os dois volumosos capítulos da obra.

Destaco *a priori*, o olhar do autor ao investigar a educação e a escola, fugindo da abordagem dominante, sob os aspectos da especialização, conferindo historicidade à análise adotando como categoria central de análise o trabalho. E *a posteriori*, a tentativa do autor em

descrever e interpretar a função pedagógica da escola moderna no interior da obra, utilizando como pilar básico a categoria trabalho didático.

Precedendo o âmbito de abordagem do objeto, qual seja,

[...] as origens da *escola pública* burguesa, [...] procurando destacar os seus determinantes e as principais características e dificuldades que marcaram as primeiras iniciativas voltadas a sua expansão. [...] e o exame das condições materiais de produção e difusão da escola, desde meados do Século XIX, colocando em plano privilegiado o caráter histórico de suas funções sociais e as transformações conceituais que acompanham esse processo. (ALVES, 2015, p. 20, grifo do autor).

O autor evidencia a importância das categorias totalidade e historicidade em sua análise, esclarece cuidadosa e minuciosamente, suas escolhas

<sup>1</sup> Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – [cintia.robles@outlook.com](mailto:cintia.robles@outlook.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – [lorenkatiuscia@hotmail.com](mailto:lorenkatiuscia@hotmail.com)

<sup>3</sup> Professor de História e Filosofia da Educação, possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1969), mestrado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (1981), doutorado (1991) e estudos de pós-doutorado em Educação (1998) pela Universidade Estadual de Campinas. Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1973-1998), desenvolveu atividades de ensino, pesquisa e extensão na área de Educação, especialmente em História da Educação. Vem realizando pesquisas sobre escola pública moderna no Brasil e organização do trabalho didático. E, desde 2008 é professor pesquisador da Universidade Anhangüera-Uniderp e estuda os impactos culturais e ambientais decorrentes de propostas de desenvolvimento regional formuladas por órgãos governamentais, não governamentais e movimentos sociais.

metodológicas e os pressupostos teóricos utilizados na pesquisa, explicitando suas formas de aproximação ao objeto.

Definida estas questões, o primeiro capítulo, parte de fontes clássicas e documentais, e aponta as raízes da escola pública contemporânea em três vertentes conjuntas da instrução pública: a Revolução Francesa, a Economia Clássica e a Reforma Protestante, analisando a passagem da escola feudal para a difusão de uma escola para todos. A vertente religiosa torna-se objeto de uma análise mais extensa, devido a releitura da proposta educacional comeniana na obra “Didáctica Magna”. Após o esforço de compreender as linhas gerais de discussão em relação a escola pública, finaliza-se o capítulo, indicando um quadro de referência das características do processo de sua expansão, nos países mais desenvolvidos, ao longo do século XIX.

Mostra-se que o debate sobre a escola pública teve sua amplitude limitada, sendo este um fenômeno geral, aponta-se que na França realizou-se discussões mais explícitas, em face da revolução social; contudo, na Inglaterra a relevância foi escassa; já no âmbito protestante teve uma importância decisiva, principalmente, pela necessidade de acesso à leitura bíblica. Entretanto, nenhuma nação completou o processo de difusão e realização plena da instrução pública no século XIX, condição está delegada ao século XX.

Diante desta impossibilidade de expansão, o segundo capítulo emerge a necessidade de captar as condições concretas que tornaria possível a universalização da escola pública, analisando seu processo de produção material desde o final do século XIX até o século XX, e das funções sociais que vem assumindo historicamente, pelo olhar apontado por Marx ao discutir a produção material do bandido, prescrito na *Introdução*.

A análise se estrutura, perpassando as ideias acerca da produção da clientela escolar, onde a escola deixou de ser uma instituição frequentada, exclusivamente, pelos filhos dos burgueses ao chegar à classe trabalhadora; pelo trajeto da escola dualista burguesa para uma escola única, na qual destina-se aos filhos de burgueses e trabalhadores e supera o dualismo entre a formação profissionalizante e a formação humanístico-científica.

Nas características da escola que se universalizou, nos móveis que levaram o capital a patrociná-la, nas expressivas funções sociais que exerce no interior da sociedade capitalista e nas consequências da crise contemporânea sobre a expansão escolar, considerando em particular, a barbárie social, a crise do capitalismo monopolista e sua impossibilidade de resolver suas contradições no presente. Estas particularidades, recebem uma reflexão na finalização do capítulo, enfatizando que não se deve considerar que não existe saída, pois,

[...] fundada nos ensinamentos da história, uma expectativa otimista quanto ao futuro pode ser colocada. [...] as mais agudas crises sociais gestaram novas formas de relações de produção. [...] e os homens já vêm produzindo [...] o contrário ao caos capitalista, a única negação consequente ao risco da barbárie. (ALVES, 2015, p. 240).

Dois aspectos essenciais são realçados para a conclusão da obra: a proposta rumo a uma nova organização didática e a uma nova instituição educacional, que apesar das resistências, responde às necessidades contemporâneas com os recursos mais avançados produzidos pela humanidade, criando assim, a possibilidade objetiva de produção de uma nova instituição educacional, pressupondo a completa destruição da escola manufatureira. Por fim, espera-se dos educadores uma

postura transformadora, que supere o corporativismo e os interesses imediatos.

A obra acompanha dedicatória e preâmbulo redigidos pelo autor, e fontes subdivididas em: obras clássicas e documentais e bibliografia complementar, que são de extrema utilidade. O resultado mostra um texto denso, fluente, instigante e de leitura agradável, que mostra uma relevância imprescindível em vários aspectos.

O primeiro ponto de destaque é o cuidado com que a questão metodológica é colocada, esclarecendo fundamentalmente a perspectiva marxista, evidenciando os equívocos de interpretação histórica que produziram uma visão conspiracionista da história e fazendo uma dura crítica ao que ele chama de materialismo vulgar, que se tornou um objetivo implícito no processo de consecução dos objetivos definidos *a priori* para análise da temática abordada.

O segundo, ainda ligado a questão metodológica, é na relação que o autor faz do desenvolvimento da escola pública com as demandas do modo de produção capitalista dos países mais desenvolvidos, sem desconsiderar as singularidades de nossas fronteiras, compreendendo um movimento universal apesar das especificidades. São pontos que evidenciam a relevância teórica e epistemológica da obra e a torna uma referência na academia.

A obra como um todo se mostra de extrema importância para os estudos sobre a escola e sua organização didática. No que se refere a escola, destaco o olhar do autor ao deixar de lado as discussões sobre o que a escola deveria ser, descrevendo o que ela realmente é. E sob a ótica do trabalho didático, no reconhecimento de características manufatureiras na organização do trabalho didático atual, que abdica da possibilidade de transmitir o conhecimento culturalmente significativo, e se mantém fechada as

conquistas tecnológicas importantes da humanidade.

Neste sentido, a proposta de construção de uma nova organização didática se torna realmente possível, não se tratando de substituir um instrumento de trabalho por outro, e sim de demolir a organização manufatureira do trabalho didático de uma época já superada, com os recursos tecnológicos correspondentes. Criando assim, a real possibilidade de uma nova escola pública, tanto no que se refere a organização do trabalho didático, quanto a produção de novos instrumentos de trabalho e de um novo profissional da educação.

Posto isto, destaco apenas mais um ponto, o fato de que a escola assimila e transmite concepções que não permite uma *práxis* que supere sua condição manufatureira, o que culmina, a não realização de uma escola para todos. Neste contexto, a figura docente entra em destaque, pois, espera-se deles uma postura combativa, reconhecendo a direção dos acontecimentos históricos e contribuindo decisivamente para que se realize, por inteiro, o “parto” da instituição educacional, que o novo tempo reclama para servir ao processo de formação de todos os homens.

O discurso do autor parece-me um tanto utópico, entretanto evidencia a possibilidade de uma escola ao nosso alcance, possível de realizar, apesar das inúmeras resistências que irá encontrar para que este processo se estabeleça